



GÊNESE DA ESTRELA DE OITO PONTAS NA ICONOGRAFIA ISLÂMICA



Autora: Lizângela Guerra, Acadêmica de História da Arte
Orientadora: Profa. Katia Maria Paim Pozzer



Fig. 1. Corão timúrida, séc. XV



Fig. 2. Fez, Marrocos, séc. XIV

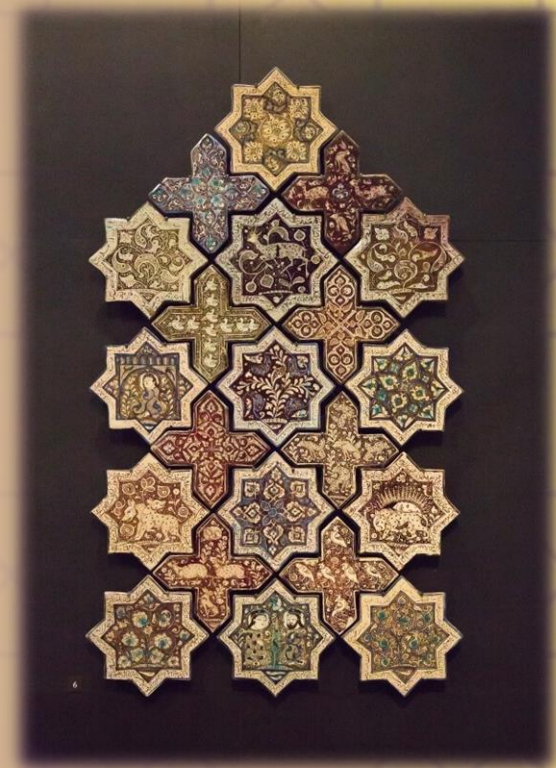


Fig. 3. Irã, 1266–1267



Fig. 4. Madrasa de Bishirya, Bagdá, Iraque, 1255

REFERÊNCIAS

BERGERHAUSEN, J. *Digital cuneiform*. Mainz: Verlag Hermann Schmidt Mainz, 2014.
BLACK, J., GREEN, A. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. Londres: British Museum Press, 1992.
DELIUS, P.; HATTSTEINS, M. *Islam Arte y Arquitectura*. Potsdam: Könemann, 2004.
LEE, A.J. *Islamic Star Patterns*. In: GRABAR, O. (org.). *Muqarnas IV: An Annual on Islamic Art and Architecture*. Leiden: E.J. Brill, 1987. Disponível em <https://tinyurl.com/yamzkygo>. Acesso em 07 set. 2017.
LEITE, S. *O Simbolismo dos Padrões Geométricos da Arte Islâmica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
RINGGENBERG, P. *L'univers symbolique des arts islamiques*. Paris: L'Harmattan, 2009.
WARBURG, A. *A renovação da antiguidade pagã*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

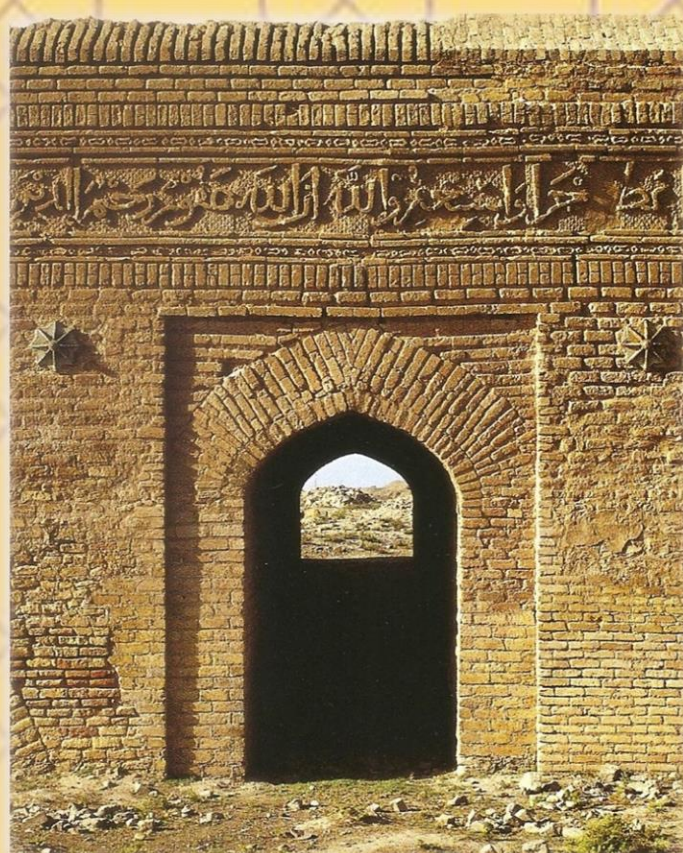


Fig. 5. Ponte sobre o Tigre, Harba, Iraque, 1232

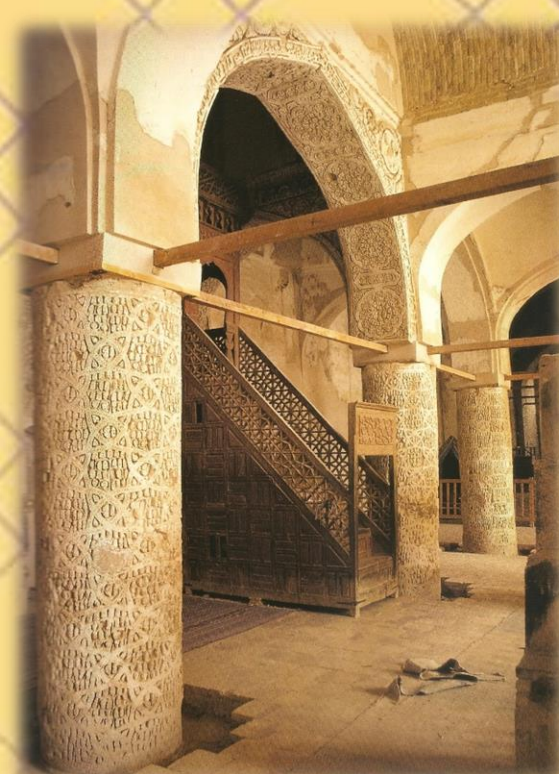


Fig. 6. Grande Mesquita de Nayin, Irã, século X



Fig. 7. Grande Mesquita de Damasco, Síria, 706–714/715

INTRODUÇÃO

Motivos decorativos em forma de estrela de oito pontas se repetem tanto espacialmente como temporalmente no mundo islâmico. Apoiando-se na concepção de que o uso da geometria na produção simbólica islâmica é uma escolha baseada na afirmação de princípios filosóficos, e não explicado pela simples negação do uso da imagem figurativa, a presente pesquisa busca investigar a gênese da estrela de oito pontas na iconografia islâmica. A pesquisa está inserida no projeto Memória cultural na gênese e desenvolvimento da arte islâmica.

OBJETIVO

Analisar a gênese da estrela de oito pontas na iconografia islâmica por meio do estudo dos princípios filosóficos que embasam seu uso no mundo islâmico e do exame comparativo com produções simbólicas de tradições culturais anteriores que ocuparam o mesmo espaço geográfico.

METODOLOGIA

A metodologia consiste na revisão bibliográfica e em estudos comparativos, inspirados nos trabalhos de Aby Warburg (1866–1926). A revisão bibliográfica visa a investigar a utilização da geometria na produção simbólica islâmica a partir dos princípios filosóficos do sufismo e de outras fontes. A análise comparativa pretende localizar a ocorrência geográfica e temporal da estrela de oito pontas no mundo islâmico e investigar a sobrevivência de aspectos formais e simbólicos que denotem transmissão de memória cultural.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

- ❖ Na iconografia islâmica, foram identificadas estrelas de oito pontas em azulejos decorativos murais do Irã, do Egito, do Uzbequistão, da Síria, da Argélia, do Marrocos, da Espanha. Motivos semelhantes aparecem em cúpulas de mesquitas na Espanha, no Uzbequistão e no Irã e também em manuscritos do Corão. Na ornamentação da Grande Mesquita de Damasco (séc. VIII), na Síria, há uma das primeiras ocorrências conhecidas de padrões estelares na iconografia islâmica.
- ❖ Motivos estrelados já eram utilizados na cultura mesopotâmica desde, pelo menos, o 3º milênio AEC. As formas aparecem em tabletas e em sinetes de diferentes povos que ocuparam a região: Sumérios, Acádios, Assírios, Babilônios, Partas e Sassânidas.
- ❖ Na Mesopotâmia, o símbolo usual da deusa Ištar era a estrela ou o disco estelar. Um de seus aspectos é o planeta Vênus, a estrela da manhã e da tarde. Ištar também pode ter sido representada pela roseta.
- ❖ Na escrita cuneiforme, o determinante *dingir*, em língua acádica, significa deus e céu (divino). Em sumério, significa deus, céu (divino), deidade, céu (físico).
- ❖ LEITE (2007) explica que o uso da geometria no mundo islâmico está associado à cosmogonia árabe. A forma geométrica é uma forma de ponte entre o mundo real e o mundo da divindade.
- ❖ Para RINGGENBERG (2009), na iconografia islâmica, as estrelas podem representar a visão dos céus dos astrônomos e astrólogos, os céus evocados pelo Corão, arquétipos metafísicos ou ainda uma evocação abstrata à perfeição da ordem divina.



Fig. 12. Bactria Margiana, ca. 3º–2º milênio AEC



Fig. 11. Mesopotâmia, Neo-Suméria, ca. 2046–2038 AEC



Fig. 10. Sul da Mesopotâmia, Babilônia, ca. 2000–1600 AEC



Fig. 09. Mesopotâmia, Assíria, ca. IX–VIII AEC



Fig. 8. Irã, Sassânida, ca. século V–VII